

## Descrição da oposição *Present Perfect* vs. *Simple Past*

Maria Cristina Micelli Fonseca

Submetido em 02 de maio de 2012.

Aceito para publicação em 09 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 259-278

---

### POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](#), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

### POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

# DESCRIÇÃO DA OPOSIÇÃO *PRESENT PERFECT VS. SIMPLE PAST*

Maria Cristina Micelli Fonseca\*

**RESUMO:** Este trabalho faz uma descrição dos tempos verbais *Present Perfect* e *Past Simple* a partir da dificuldade encontrada por professores e alunos de língua inglesa para trabalharem esta oposição em sala de aula. Para explicar a distinção de valores semânticos entre os tempos, eles são discutidos à luz de noções gramaticais como tempo, aspecto, perfectividade e, por fim, o valor do perfeito. Além da descrição dos tempos, são apresentados e analisados alguns exemplos que aparecem em manuais e gramáticas de ensino de inglês. Finalmente, são apresentados e examinados dois exemplos de uso autêntico do *Present Perfect*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Present Perfect*; *Simple Past*; tempo verbal; ensino de gramática.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao estudarmos uma língua estrangeira, nos deparamos forçosamente com uma realidade descrita por Slobin e Bocaz (1989, p. 17 apud MICHAELIS, 1998, p. 01, minha tradução<sup>1</sup>): “Languages differ in their verbalized orientation to experience<sup>2</sup> o que implica seguramente a forma como o falante vê e recorta o mundo: a speaker’s native grammar will influence what aspects of situations that speaker attends to<sup>3</sup>.”

A descrição das línguas auxilia o professor e o aluno de língua estrangeira a conhecer mais profundamente as questões gramaticais da língua-alvo, principalmente se o valor semântico for diferente na língua materna.

Dentre as habilidades que as línguas conferem aos seus falantes, está a forma como caracteriza, descreve e situa um evento acontecido no passado. Como explica Michaelis (1998, p. 06):

Talking about processes, states and occurrences is such a mundane aspect of discourse that one can forget that the language does not give an unmediated picture of reality, but instead imposes a particular conceptual framework upon the domain of eventualities<sup>4</sup>.

Este trabalho nasce da dificuldade que o falante do português do Brasil tem em aprender e ensinar o valor do *Present Perfect* (PP) do inglês em oposição ao *Simple*

---

\* Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará; doutora pelo Departamento de Linguística da FFLCH da USP.

<sup>1</sup> Todas as traduções são da autora. Exceções serão indicadas.

<sup>2</sup> As línguas diferem na sua orientação verbalizada das experiências.

<sup>3</sup> A gramática nativa de um falante influenciará nas situações nas quais ele prestará atenção.

<sup>4</sup> Falar sobre processos, estados e ocorrências é um aspecto tão corriqueiro do discurso, que se pode esquecer que a língua não dá uma figura não-mediada da realidade, mas, antes, impõe uma estrutura conceitual particular sobre o domínio dos acontecimentos.

*Past* (SP)<sup>5</sup>. O objetivo deste é descrever o PP de forma mais abrangente, pautando-se nos problemas que essa oposição costuma gerar no aprendizado do inglês em sala de aula.

Para melhor entender a diferença de valor entre o PP e o SP, revemos abaixo alguns conceitos gramaticais que norteiam os tempos aqui estudados.

## 2. AS NOÇÕES DE TEMPO E ASPECTO VERBAL

### 2.1. *Tempo verbal*

Estamos assumindo que tempo linguístico, chamado em inglês de *tense*, diferenciando de *time*, é uma expressão gramaticalizada de localização no tempo (COMRIE, 1985). Essa expressão marcada na língua distingue o presente de um momento anterior (o passado) de outro posterior (o futuro). Esta divisão gerada pela língua em funcionamento parece ser verdadeira para todas as línguas. Vejamos o que afirma Benveniste sobre o tempo verbal (1989, p. 76):

(...) o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso, e este presente é implícito. Ele determina duas outras referências temporais (...) o que não é mais presente e o que vai sê-lo. Estas duas referências não se relacionam ao tempo, mas às visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente a partir do ponto presente. Esta parece ser a experiência fundamental do tempo, de que todas as línguas dão testemunho à sua maneira. Ela informa os sistemas temporais concretos e notadamente a organização dos diferentes sistemas verbais.

Essa divisão do tempo linguístico não é igual à divisão do tempo cronológico. Benveniste (1989) mostra que uma coisa é situar um acontecimento no tempo cronológico e outra inseri-lo no tempo da língua, ou seja, as línguas organizam o tempo de forma diferente, nem sempre coincidente entre elas.

### 2.2. *O aspecto verbal*

Além da anterioridade e da posterioridade de um evento, Reinchbach (1947 apud MICHAELIS, 1998, p. 35) acrescenta que existe o tempo da referência (R). Para ele, o tempo do evento (E) não precisa ser coincidente com o tempo da referência. Essa distinção possibilita ao narrador dirigir a atenção do ouvinte a um tempo de referência que não precisa ser o momento em que o evento ocorre, ocorreu ou ocorrerá.

A combinação dos tempos de evento presente, passado e futuro com os tempos de referência presente, passado e futuro faz surgir tempos de eventos coincidentes que divergem no tempo de referência, como é o caso dos tempos estudados aqui. As oposições PP/SP são coincidentes no que tange ao tempo do evento 'passado' mas diferem no que tange ao tempo de referência, pois enquanto o tempo simples tem a

---

<sup>5</sup> Este trabalho faz parte da tese de doutoramento: A Semântica e a Pragmática na Compreensão das Oposições *Present Perfect x Simple Past* e *Pretérito Perfecto x Pretérito Indefinido*, defendido no Departamento de Linguística da FFLCH/USP sob a orientação da Profa. Dra. Neide González.

referência coincidente com o tempo do evento, o composto tem a referência coincidente com o presente, o momento da enunciação.

A noção de referência oferece uma grande gama de tempos verbais. A opção da referência leva à escolha de um ponto de vista, ou seja, se um evento ocorreu no passado, a maneira como esse evento vai ser narrado depende do ponto de vista do falante, narrador dos fatos. No caso dos pretéritos estudados, o evento está terminado, portanto o aspecto é perfectivo<sup>6</sup>. A escolha do PP ou do SP depende de como o narrador vê a referência: ou presente, coincidindo com o momento de enunciação, ou passado, coincidindo com o momento em que o evento ocorreu.

Michaelis (1998) defende que a noção de referência introduz a questão pragmática no estudo do tempo. Embora Reinchbach (1947) não tenha descrito essa noção como tal, têm-se interpretado que a referência é a condição pragmática sob a qual expressões temporais são lidas e julgadas, não só pela gramaticalidade, mas também, pela funcionalidade, ou seja, se determinadas sentenças podem aparecer naquele contexto ou não. Segundo Partee (1984, apud MICHAELIS, 1998, p. 30), a referência é a parte necessária do contexto para se interpretar sentenças marcadas com tempo.

Como definição de aspecto verbal, partiremos de Comrie (1985, p. 03), que descreve “aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation<sup>7</sup>”. Enquanto o tempo linguístico se ocupa da localização de um evento no tempo, o aspecto trata da constituição interna desse evento, independentemente do tempo linguístico, por isso pode ser perfectivo quando um evento é visto como acabado, ou imperfectivo quando o evento é visto como inacabado.

Enquanto o tempo é marcado pelo momento da enunciação, instaurando um presente que automaticamente cria um passado e um futuro, o aspecto vai depender do ponto de vista do falante que narra uma situação. Smith (1997) afirma que o aspecto é flexível, pois vai mudar dependendo de como o narrador descreve as situações que concorrem entre si, estas situações que formam um texto.

Afirma Michaelis (1998) que o aspecto é um produto da maneira como as pessoas, como produtoras e processadoras de texto, entendem uma determinada situação e não um reflexo das propriedades que uma situação tem no mundo. Sendo o aspecto flexível e dependente do ponto de vista do narrador, é o narrador que impõe sobre o ouvinte esse ponto de vista, renovável a cada nova fala.

Para Smith (1997), o *viewpoint aspect*<sup>8</sup> é como a lente de uma câmera. Da mesma forma que a lente torna os objetos visíveis para os receptores, a língua enfoca as situações narradas em uma sentença.

O termo Aspecto cobre vários pontos de vista de como as situações podem ser narradas nas línguas. Os valores aspectuais podem aparecer na morfologia do verbo ou na sintaxe, gramaticalizado, podendo seu valor variar nas línguas, permitindo áreas de intersecção, semelhanças, e diferenças. Segundo Michaelis (1998, p. 11), enquanto a categoria aspectual é universal e inata, o valor de cada par forma-significado é particular de cada língua e específico: “it is an inventory of conventional form-meaning pairings characterized by constraints upon grammar, interpretation and use”<sup>9</sup>. Conclui a autora

---

<sup>6</sup> Pode haver, no entanto, uma leitura que engloba o momento da enunciação, que veremos adiante.

<sup>7</sup> Aspectos são os diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação.

<sup>8</sup> Ponto de vista aspectual.

<sup>9</sup> É um inventário de pares de forma-significado convencionais caracterizados pelas restrições sobre a gramática, a interpretação e o uso.

que cada construção aspectual tem limites de ordem semântica, pragmático-discursiva e gramatical.

A seguir apresentamos as três grandes divisões que cobrem o termo Aspecto:

1. Perfectivo e Imperfectivo;
2. Aktionsart ou Classes Aspectuais; e,
3. Perfeito

Smith (1997, p. 1-2) propõe que “the aspectual meaning of a sentence is a composite of the information from the components of viewpoint (perfective and imperfective) and situation type (aktionsart)”.<sup>10</sup> O significado aspectual de uma sentença envolve dois tipos de informação: a perspectiva de como a situação é apresentada, para a diferença *perfecto vs. imperfecto*, chamada de ponto de vista aspectual, e os tipos de situação, *aktionsart*.

### 2.3. *Perfectividade e a imperfectividade*

O narrador pode se referir a uma situação usando o aspecto perfectivo, apresentando a situação como um todo, incluindo ponto inicial e final; ou imperfectivo, apresentando parte da situação, sem mencionar o seu ponto final (MICHAELIS, 1998; SMITH, 1997). Ambos aspectos são complementados por significados pragmáticos cuja contribuição é essencial na interpretação do ponto de vista aspectual. Smith (1997, p. 62) afirma que “I distinguish the semantic and pragmatic levels of interpretation: I posit, explicit, positive meanings at the semantic level, and the traditional notions of contrastive meaning and inference at the pragmatic level”.<sup>11</sup>

O SP é um tempo perfectivo, assim como o Pretérito Perfeito do português. O exemplo abaixo mostra um evento que teve início e fim. Maria chegou ao topo da montanha:

- (1) *Mary climbed the mountain.*  
(Maria subiu a montanha.)

Os imperfectivos mais comuns são o imperfeito e o progressivo ou contínuo. Para efeito de ilustração, mostraremos um exemplo do *Past Progressive* do inglês que se assemelha ao imperfeito, uma vez que o inglês não tem imperfeito.

- (2) *Rachel was climbing the mountain.*  
(Rachel subia/estava subindo a montanha.)

A sentença (2) mostra que Raquel começou a subir a montanha, mas não sabemos se foi até o fim. A construção gera a expectativa de que algo haja interrompido momentaneamente ou se interposto à completude da ação.

<sup>10</sup> O significado aspectual de uma sentença é um composto das informações dos componentes do ponto de vista (perfectivo e imperfectivo) e do tipo de situação (aktionsart).

<sup>11</sup> Eu distingo os níveis semântico e pragmático de interpretação: eu postulo a existência de significados explícitos e positivos no nível semântico, e as noções tradicionais de significado contrastivo e inferência no nível pragmático.

O que nos interessa aqui é entender que, embora haja semelhança estrutural nas línguas, o valor semântico pode ser diferente e as interpretações acontecem por imposição não da estrutura da língua apenas, mas da língua em funcionamento.

#### 2.4. *Aktionsart ou Classes Aspectuais*

O aspecto é de natureza composta, além do ponto de vista aspectual, existe o aspecto de situação (*Aktionsart*), expresso pelo verbo e seus argumentos. Essa proposta está baseada no trabalho de Verkuyl (1972, apud SMITH, 1997, p. 04), mostrando que a classe aspectual pode mudar de acordo com os argumentos do verbo. Assim o aspecto é uma ação combinada de fatores, não de uma propriedade do significado do verbo *per se*:

- (3) *Claire ate an apple* (aspecto terminativo/ação encerrada).  
(Clara comeu uma maçã.)
- (4) *Claire ate apples*. (aspecto durativo/processo de duração contínua).  
(Clara comeu maçãs.)

#### 2.5. *Perfeito*

Até agora falamos de aspecto como a constituição interna de um evento, porém há outro tipo de aspecto: o perfeito. Ele informa sobre um evento perfectivo, relacionando o presente com o passado, ligando um evento passado com um estado presente.

Comrie (1976, p. 52) explica que “the perfect is rather different from the aspects, since it tells us nothing directly about the situation in itself, but rather relates some state to a preceding situation”<sup>12</sup>. Dessa forma, o perfeito relaciona um evento passado ao momento da enunciação, anunciando uma relevância presente de um evento passado.

Para Smith (1997), o Perfeito apresenta quase sempre uma situação que precede a sua enunciação, ou seja, o momento de referência coincide com o momento da enunciação e não com o momento o evento. Sua construção tem geralmente como resultante um valor estativo, na maioria dos casos perfectivo, acabado.

O inglês admite um perfeito presente, cujo estudo é o foco deste artigo.

#### 2.6. *O Present Perfect*

Smith (1997, p. 107) informa que a sentença abaixo foca no estado obtido no presente, fruto de uma ocorrência acontecida no passado, *they present a state of affairs which results from the prior situation*<sup>13</sup>:

---

<sup>12</sup> O Perfeito é muito diferente dos aspectos, uma vez que não nos diz nada diretamente sobre a situação *per se*, mas antes relaciona um estado a um evento precedente.

<sup>13</sup> (...) elas apresentam uma situação em um momento particular, que resulta da situação anterior.

- (5) *They have built a summerhouse.*  
(Eles construíram uma casa de verão).

Smith (1997, p. 107) ainda acrescenta que:

*These sentences focus on a state that obtains in the present, a state due to the occurrence of the situations mentioned. There is neither a requirement nor an implication that the final states of the situation themselves continue. I return to this point directly. The viewpoint of these sentences is perfective and therefore closed, that is, the situations are presented with initial and final endpoints<sup>14</sup>.*

O exposto acima é verdadeiro para a maioria dos casos do PP, porém existem exceções, como sentenças com marcadores de tempo que vão incluir o momento da enunciação, tais como *since, for, all his life*, etc, discutidas adiante. Sentenças com locuções *since* e *for* são estativas e admitem uma interpretação aberta, imperfectiva (SMITH, 1997).

Como enfocamos o PP com valor semântico de passado acabado em oposição ao SP, usos do PP que admitem uma interpretação iterativa ou durativa não serão contemplados aqui, embora existam nas gramáticas e na língua corrente. Além disso, como se assemelham ao valor da perífrase Ter+Particípio do português, preferimos nos dedicar aos casos em que não há coincidências entre as duas línguas.

Smith (1997) acrescenta que sentenças com o PP dão ao seu sujeito uma propriedade que resulta da sua participação na situação. Sendo assim, sentenças como a (6), se proferidas hoje, seriam gramaticalmente aceitáveis, mas pragmaticamente inapropriadas, uma vez que o sujeito não está mais vivo no momento de referência, tornando impossível ao sintagma nominal na posição de sujeito receber a propriedade de participante.

- (6) *Einstein has lived in Princeton.*  
(Einstein morou em Princeton.)

Já Michaelis (1998) considera essa sentença não só gramatical, mas pragmaticamente aceitável. Para ela, a sentença acima é estranha, uma vez que Einstein já morreu, e portanto não é mais capaz de visitar Princeton. Contudo, explica a autora, se pensarmos na pessoa que tornou Princeton famosa, a sentença seria aceitável, ou seja, ao mudar o foco da sentença ela passa a ser aceitável.

Michaelis (1998, p. 10) oferece uma explicação do PP através da natureza de Jânus<sup>15</sup>, pois ele reflete sua composição formal: uma perífrase que consiste em um auxiliar *to have* no tempo presente, seguido de outro verbo no particípio passado. Desta forma, é um tempo que olha para o que passou e o que está passando no presente.

<sup>14</sup> As sentenças acima focalizam um estado que se obtém no presente, um estado devido à ocorrência das situações mencionadas. Não há uma exigência nem uma implicação que o estado final de uma situação continue. Eu retomo a este ponto diretamente. O ponto de vista destas sentenças é perfectivo e portanto fechado, isto é, as situações são apresentadas com pontos inicial e final.

<sup>15</sup> Jânus era o deus dos portões e portas. Ele era representado por uma figura com duas faces olhando em direções opostas: o passado e o presente. Seu nome é o radical da palavra janeiro (o que "olha" para os dois anos, o que passou e o novo ano) e janela (que olha para dentro e para fora), [www.on.br-mitologia](http://www.on.br-mitologia), 24/07/2005.

A situação narrada nesse tempo indica uma ocorrência acabada/perfectiva graças ao participípio, e um estado presente representado pelo auxiliar no presente (MICHAELIS, 1998).

Citando Herweg (apud MICHAELIS, 1998), a autora diz que, para este autor, a construção do perfeito presente denota um estado resultante da culminância de um evento. Assim, o PP é uma predicação de estado e funciona diferentemente da predicação de tempo expressa pelo SP.

Sendo assim, o SP refere-se a um ponto ou intervalo no passado que pode ser identificado pelo interlocutor, sendo, portanto, potencialmente anafórico. Já o tempo composto é muito mais dêitico, porque seu tempo de referência não pode ser ancorado a nenhum período de tempo contextualmente acessível. Além disso, por ser dêitico, recebe influência não só do tempo, mas de lugar e pessoa. Dessa forma, não importa somente o tempo de referência, mas o momento em que se fala, quem fala e onde fala, exatamente como vimos no exemplo (6).

### 2. 7. *Os valores semânticos do Present Perfect do Inglês*

QUIRK et alii (1985, p. 192) declaram que há uma sobreposição de sentido entre o SP e o PP:

*(...) the present perfective differs from the simple past in relating past event/state to a present time orientation. Thus in situations (which are not unusual) where either the present perfective or the simple past can be appropriately used, it is generally felt that they are not interchangeable, but that the present perfective relates the action more directly to the present time.<sup>16</sup>*

Eles nos oferecem os exemplos abaixo:

- (7) *Where did you put my purse?*  
(Onde você colocou minha bolsa?)
- (8) *Where have you put my purse?*  
(Onde você colocou minha bolsa?)

O propósito das perguntas é encontrar a bolsa, no entanto, na pergunta (7) o falante parece pedir ao interlocutor que se lembre de um evento passado; ao passo que na sentença (8) o falante concentra sua pergunta no paradeiro da bolsa, ou seja, a pergunta (8) significa: onde está minha bolsa? Já a (7): onde você pôs minha bolsa? Não sendo mais o paradeiro o foco da pergunta no momento da enunciação.

À luz de que o PP refere-se a um estado resultante no presente, não importando se o evento foi contínuo ou reiterado, valendo o momento da enunciação e o estado resultante desse evento acabado, apresentamos um quadro (Figura 1) com um resumo das categorias usadas para dar conta dos efeitos de sentidos do PP em uso.

---

<sup>16</sup> O PP difere do SP ao relacionar um evento/estado passado a uma orientação presente. Portanto, em situações (que não são incomuns) onde tanto o PP ou o SP podem ser apropriadamente usados, geralmente, eles não são intercambiáveis, mas o PP relaciona a ação mais diretamente ao tempo presente.



Michaelis (1998)	Comrie (1976)	Quirk et alii (1985)	Comentários
<b>Valor existencial</b> <i>Have you ever eaten vatapá?</i> (Já comeu vatapá?)	<b>Perfeito Experiencial</b> <i>I have been to England.</i> (Eu estive na Inglaterra.)		Foco no estado (experiência) presente resultado de um evento passado.
<b>Valor resultativo</b> <i>I have met someone.</i> (Eu estou saindo com outra pessoa.)	<b>Perfeito de Resultado</b> <i>I have lost my key.</i> (Eu perdi a chave) <b>Perfeito de passado recente</b> <i>They have won the game.</i> (Eles ganharam o jogo)	<b>Perfeito com valor de Evento Indefinido</b> <i>All our children have had measles.</i> (Todos nossos filhos tiveram catapora.)	Foco no estado presente resultado de um evento passado.
<b>Valor continuativo</b> <i>The phone has been busy for an hour.</i> (O telefone está ocupado há uma hora.)	<b>O Perfeito de situação que persiste</b> <i>I have lived in São Paulo since I was born.</i> (Eu moro em São Paulo desde que nasci.)	<b>Perfeito com valor de Estado</b> <i>The house has been empty for ages but now it has been sold.</i> (A casa está vazia faz tempo, mas agora foi vendida.) <b>Perfeito com valor de Hábito</b> <i>The journal has been published every month since 1850.</i> O periódico vem sendo publicado todo mês desde 1850.)	O evento ou estado não é perfectivo, ou seja, não é visto como acabado, ele ainda ocorre no momento da enunciação. São geralmente, acompanhados por sintagmas adverbiais introduzidos por <i>since</i> ou <i>for</i> , ou ainda acompanhados por palavras como <i>life: all my life, throughout my life, etc.</i>

Figura 1 - Valores que o PP pode assumir

### 2.8. O Contraste entre Present Perfect e Simple Past

Retomando, o SP apresenta um momento de evento anterior ao momento da enunciação, mas tem o momento de referência concomitante ao evento. O PP narra uma situação passada que tem uma referência presente. Essa referência presente é vista como uma consequência presente da situação passada. Segundo Smith (1997), as construções do perfeito apresentam uma consequência presente, resultado de uma situação passada, resultante desta, geralmente um estado.

Michaelis (1998,p.12) afirma também que os sentidos *per se* do PP e do SP se sobrepõem, pois a diferença entre eles muitas vezes é semântico-pragmática, em muitos de seus usos. Significa dizer que muitas vezes a sentença pode estar gramaticalmente correta, porém pode ser inaceitável naquele contexto devido à relação estabelecida entre o passado e o momento da enunciação revelado pelo contexto.

Michaelis argumenta que as áreas semânticas de sobreposição entre o SP e o PP existem porque ambos servem para falar de situações acabadas no passado. A única forma de desfazer o nó que se forma para explicar a diferença entre *I did* e *I have done* é optarmos por um modelo que presuma que todas as línguas tenham uma categoria conceitual de evento e estado, mesmo que não apareçam na morfologia do verbo, mas que existam mecanismos gramaticais que possibilitem ao falante expressar uma determinada situação ou como evento (tempo simples) ou como estado (tempo composto).

A autora dá seguimento a sua proposta dizendo que:

*(...) this resultant-state implication distinguishes the Present Perfect from the past tense (...)The resultant-state implication is pragmatic in that it incorporates a contextual variable. The variable ranges over times at which the resultant state could hold; the time of Speaking anchors the variable. The resultant-state implication therefore represents a semantic-pragmatic condition upon the Present Perfect<sup>17</sup>.(MICHAELIS, 1998,p.30)*

O objetivo deste tópico é discutir como se faz a distinção entre as sentenças abaixo:

(9) *Maria has lived in Canada.*

(Maria morou no Canadá.)

(10) *Maria lived in Canada.*

(Maria morou no Canadá.)

McCoard (1978, apud MICHAELIS, 1998, p. 109), tentando distinguir semanticamente o tempo simples do composto, propõe que o PP evoca um “agora estendido”, uma vez que localiza um evento que ocorreu em um intervalo que inclui o presente e uma parte do passado. Esse tipo de explicação, muitas vezes encontrado nas gramáticas e manuais de ensino de inglês, pode induzir ao erro, pois possibilita a interpretação que um determinado evento começou no passado e se estende até o presente.

De acordo com essa explicação, no exemplo (9) Maria morou e continua morando no momento da enunciação, opondo-se ao (10), no qual Maria morou, e não mora mais no Canadá. No entanto, em ambas as sentenças Maria já não mora mais no Canadá.

Michaelis (1998), para distinguir o tempo simples do composto usa a divisão entre Atividades e Estados. A autora afirma que o tempo composto começa como Atividade e acaba como Estado, ou seja, houve o evento agora acabado, restando no momento da enunciação o estado resultante. Assim, no exemplo (9) existe um estado resultante do fato da Maria ter morado no Canadá, que é percebido pelo enunciatário e por isso veiculado pelo PP. Diferentemente, do exemplo (10), quando o estado resultante, se existe não é percebido pelo falante, e por isso usa o SP.

---

<sup>17</sup> Esta implicação estado-resultante distingue o PP do SP (...) A implicação estado-resultante é pragmática no sentido que incorpora uma variável contextual. A variável estende-se no tempo enquanto o estado resultante puder ser sustentado; o momento da fala ancora a variável. A implicação estado-resultante, portanto, representa uma condição semântico-pragmática sobre o PP.

### 2.9. O Uso de Marcadores Temporais

De uma forma geral, o PP não admite advérbios ou locuções adverbiais de tempo que especifiquem um ponto no passado, como por exemplo: *last week, yesterday, a few minutes ago*, por ser um tempo que foca no momento da enunciação e não no momento do evento. O uso de tais advérbios obrigará o uso do tempo simples:

(11) \**Dad has retired in 1970.*  
(Papai se aposentou em 1970.)

(12) *He left a few minutes ago.*  
(Ele partiu há uns poucos minutos atrás.)

O PP aceitará advérbios de tempo que não marquem os limites da situação, como *so far, lately, until now*, etc. Existem, contudo, advérbios e locuções adverbiais que acompanham o SP e o PP, como *in the past, often, never, ever, already, always*, etc.

No entanto, essas distinções não são pacíficas devido à ambiguidade do Perfeito. Dowty et ali (1979,p.343) estabelece que, embora os advérbios tenham papel importante na explicação do significado do PP, será o contexto, ou seja, a relação da estrutura gramatical e composicional do PP com o momento de enunciação, que revelará o verdadeiro sentido de sentenças naturalmente ambíguas, como o exemplo abaixo, fornecido por ele:

(13) *John has lived in Boston for 10 years.*  
(John mora em Boston há 10 anos.)

Como alerta Fonseca (2001), a sentença acima, fora de um contexto específico, significa que John mora em Boston há dez anos, este seria o significado natural da sentença. Todavia, seria possível depreender dela que um ex-habitante de Boston, embora não mais morando na cidade mencionada, se sinta emocionalmente ligado a ela. A tradução, então, seria que John morou em Boston por 10 anos. O evento não mais ocorre, embora no enunciado esteja presente o sintagma preposicional *for+quantidade de tempo*.

O PP tem potencial para locuções adverbiais que marquem atividades que possam ser cíclicas ou repetíveis. A Figura 2 resume o uso dos marcadores a partir dos dados fornecidos por Dowty et ali (1979) e Quirk et ali (1985).

	<b>Perfeito de Resultado</b>	<b>Perfeito de Situação que Continua</b>	<i>Simple Past</i>
Advérbios dêíticos que marcam um ponto no passado (ex.: <i>yesterday</i> )	Não	Não	Sim
Advérbios que marcam um ponto definido no passado (ex.: <i>in 1970</i> )	Não	Não	Sim

Advérbios que marcam um estado presente (ex.: <i>now</i> )	Sim	Sim	Não
Advérbios que marcam uma situação que começou no passado e se repete até o momento da enunciação (ex.: <i>since</i> )	Não	Sim	Não
Advérbios que marcam a duração (ex.: locuções com <i>for</i> )	Não	Sim	Sim

Figura 2 - Marcadores para *Present Perfect* e para *Simple Past*

Como já vimos, o PP envolve a questão aspectual. Como o aspecto tem a característica de ser de natureza composta, a escolha do verbo e de seus argumentos pode modificar o sentido de uma sentença e, assim, permitir o uso de locuções adverbiais geralmente incompatíveis com a natureza básica do perfeito, que é a situação passada com um estado resultante no presente, como nos exemplos abaixo:

(14) *Mary has lived in Boston since 1998.*  
(Mary mora em Boston desde 1998.)

(15) *\*John has died since 1998.*  
(\*John morreu desde 1998.)

Afirmar que todas as sentenças no PP admitem as locuções iniciadas por *since* não seria a totalidade da verdade, uma vez que a escolha do verbo *to die* (morrer) torna a sentença agramatical. Enquanto *to live* (viver) é um evento repetível, já não acontece o mesmo com *to die* (morrer). Voltamos aqui a encontrar outro ponto de sensibilidade do perfeito. O valor semântico de continuidade com verbos de *accomplishment* e *achievement* constroem sentenças não aceitáveis como as que seguem:

(16) *\*He had bought his car for two years.*  
(Ele comprou o carro dele por dois anos.)

(17) *\*He has broken his leg since 2005.*  
(Ele quebrou a perna desde 2005.)

Da mesma forma, dêiticos como *in the summer* (no verão), *in January* (em janeiro), etc. podem estar indicando situações que se repetem, como

(18)?<sup>18</sup> *Julia has traveled to Europe in December.*  
(Julia viajou para a Europa em Dezembro.)

Se imaginarmos que se trata do último mês de dezembro, a sentença será agramatical, no entanto, como salienta Michaelis (1998), podemos estar nos referindo a situações que se repetem, ou seja, já viajou para a Europa em dezembro anteriormente:

<sup>18</sup> O ponto de interrogação no início de uma sentença, em textos sobre linguística, significa que essa sentença oferece ambiguidade.

- (19) *Julia has traveled to Europe in December (before).*  
[Julia viajou para a Europa em Dezembro (antes)].

Nesse caso, não se trata de marcar o evento em um ponto no passado, mas de informar que aquele evento já aconteceu anteriormente uma ou mais vezes, tendo como resultado presente a experiência de tal fato, ou seja, o foco não está no tempo, mas no resultado dela.

Ainda mostrando a grande sensibilidade do PP, mudanças no verbo e seus argumentos podem modificar esse valor ou tornar o uso do PP inviável. Michaelis (1998) exemplifica como a troca do artigo indefinido para definido pode inviabilizar a gramaticalidade das sentenças abaixo:

- (20) *She has had an accident before.*  
[Ela (já) sofreu um acidente antes].

- (21) \**She has had the accident before*<sup>19</sup>.  
(Ela sofreu o acidente antes.)

A autora mostra que o fato de definirmos o acidente por meio do artigo definido *the* torna impossível a repetibilidade do acidente. Ao passo que o uso do artigo indefinido *an*, torna possível que alguém tenha tido outros acidentes, que não são obviamente os mesmos.

Michaelis (1998, p. 178) aponta que o advérbio *already* é tido como um advérbio tipicamente de categorias aspectuais devido ao seu sentido: semanticamente ele significa que um evento aconteceu anteriormente ao momento da enunciação, como no exemplo abaixo:

- (22) *She has already left.*  
(Ela já saiu).

No entanto, isso não significa que ele deva sempre aparecer em predicados que façam uso do PP. A própria Michaelis apresenta os seguintes exemplos:

- (23) *I have already eaten.*  
(Eu já comi.)

- (24) *I already ate.*  
(Eu já comi.)

Segundo a autora, não existe nenhuma diferença de sentido entre essas duas sentenças. Quirk et alii (1985, p. 194) acrescentam que no inglês americano existe uma preferência pelo SP, geralmente acompanhado de advérbios, como *already*, *yet*, *just*, *etc.* Michaelis (1998) esclarece que isso se dá predominante na oralidade, possivelmente porque o advérbio já faz a marcação aspectual, relacionando o evento passado com o momento da enunciação:

<sup>19</sup> Mesmo sem o marcador *before*, *She has had an accident* ou \**She has had the accident*, a agramaticalidade se mantém devido ao artigo definido, por refere-se a um acidente específico.

(25) *I just came back.*  
(Acabei de voltar.)

(26) *You told me that already.*  
(Você já me contou.)

(27) *I already told you. I'm not interested.*  
(Eu já te disse. Não estou interessada.)

Biber et alii (1999) apontam também que os americanos usam o SP onde os ingleses usariam o PP, e acrescentam exemplos encontrados no corpus, todos com marcadores:

(28) A: *Hey, did you read this yet?*  
(Você já leu isso?)

(29) B: *No, not yet, I didn't. I didn't get a chance.* (AmE Conversation)  
( B: Não, ainda não. Ainda não deu.)

(30) *We already gave him a down payment.* (AmE Conversation)  
(Nós já lhe pagamos a entrada.)

Os autores acrescentam que:

*Nevertheless, this difference of usage does not seriously affect the frequencies in conversation. It remains a mystery why the marked difference of frequency shows up mainly in news. It might be relevant that American newspaper are renowned for a space-saving drive towards stylistic economy, and that the simple past usually requires one less word than the perfect.<sup>20</sup>*

O marcador *ever*, no entanto, parece mudar o sentido da sentença, se usado com o PP ou com o SP. Michaelis (1998, p. 224) afirma que a sentença 1.63 refere-se ao tempo de amizade entre a pessoa quem a pergunta é endereçada e Karla, ao passo que a sentença 1.62 diz respeito a um tempo limitado, anterior ao momento da enunciação da pergunta.

(31) *Did Karla ever call you?*  
(A Karla já lhe telefonou?)

(32) *Has Karla ever called you?*  
(A Karla já lhe telefonou?)

A autora explica que, como o tempo simples geralmente se refere a um fato específico, a referência de tempo do exemplo (31) é menor do que no exemplo (32), cujo tempo tem uma abrangência muito maior.

---

<sup>20</sup> Contudo, a diferença de uso não afeta seriamente as frequências na conversação. Permanece o mistério de por que uma diferença tão clara aparece principalmente nos noticiários. É relevante dizer que os jornais americanos são famosos pelo grande esforço para economizar espaço por meio da economia no estilo, e que o SP geralmente requer uma palavra a menos que o PP.

O mesmo se pode dizer da sentença (33). Para se perguntar sobre algo que ainda está ocorrendo, como se um filme, uma exposição, uma peça foi vista, o inglês americano prefere usar o SP acompanhado de *yet* na oralidade. Para se perguntar sobre algo cuja referência de tempo seja maior, como se perguntássemos se leram ‘*Capitães de Areia*’, se viram o ‘E o Vento Levou’, se comeram alguma iguaria, etc.; o tempo de verbo escolhido, independente da variante, é o PP.

(33) *Did you see ‘Capitães de Areia’<sup>21</sup> yet?*  
(Você já viu ‘*Capitães de Areia*’?)

(34) *\*Did you see ‘Gone with the Wind’ yet?*  
(Você já assistiu O Vento Levou’?)

(35) *Have you (ever) seen ‘Gone with the Wind’?*  
(Você já assistiu ‘O Vento Levou’?)

(36) *Have you (ever) eaten snails?*  
(Você já comeu escargot?)

### 2.9. As gramáticas e manuais para ensino de Inglês

A partir do exposto acima, mostrando que a diferença entre o SP e o PP está no resultado/consequência presente que o PP oferece, e cujo uso depende da escolha do falante em relação ao contexto que está inserido, propomos uma análise breve de exemplos de PP em oposição ao SP encontrados em gramáticas e manuais disponíveis no mercado brasileiro. As sentenças que examinaremos foram retiradas de uma gramática e de um manual para o ensino da língua inglesa, extremamente populares no Brasil. O objetivo é ajudar professores e alunos de inglês a perceber como o conhecimento pode dar sustentação às explicações oferecidas por esses materiais ou indicar possíveis incorreções ou incoerências. Muitas vezes, a falta do conhecimento descrito acima faz com que não se compreendam completamente os exemplos e as ilustrações fornecidas pelos autores.

A gramática *Essential Grammar in Use* (MURPHY, 1997, p. 38) introduz o PP com o a sentença 48, mostrando através de figuras que os sapatos estavam sujos, foram limpos e agora estão limpos:

(48) *I’ve cleaned my shoes .*  
(Eu limpei meus sapatos.)

(49) *I cleaned my shoes.*  
(Eu limpei meus sapatos.)

Como aponta Michaelis (1998), em termos de tempo linguístico, as duas sentenças acima se equivalem, pois falam de um evento passado, acabado. Há uma sobreposição de sentido. Nas duas sentenças os sapatos foram limpos. Contudo, apenas

<sup>21</sup> Ou qualquer outro filme que esteja ou esteve em cartaz recentemente.

a sentença (48) enfoca no resultado presente desse evento passado, que os sapatos estão limpos.

Essa escolha é feita pelo narrador, que seleciona uma interpretação aspectual (perfeito, ligando o fato passado à consequência presente) de uma situação dada em consonância com o ponto de vista que ele escolhe para falar daquela situação, em um momento dado, em um contexto específico. Como a escolha de um ponto de vista não é um reflexo das propriedades que as situações têm no mundo, mas a maneira como as pessoas olham para as situações, através do português como língua materna, o valor semântico que os alunos brasileiros conseguem ver é que eu limpei meus sapatos para as duas ocorrências do inglês. Os sapatos estão limpos não é o sentido obrigatório no português para eu limpei os sapatos, ou seja, não significa necessariamente que eles ainda estejam limpos no momento da enunciação.

Os manuais de ensino de inglês costumam escalonar os efeitos de sentido mais usuais em várias unidades. Geralmente, os autores optam por apresentar primeiramente o SP, seguido pelo PP. Ilustramos através do *Interchange* (RICHARDS, 2005, p. 64).

Na unidade 10 do livro 1, com o título *Have you ever ridden a camel?*, o PP é introduzido abordando experiências passadas. Na parte dedicada ao professor, aparecem sugestões ao professor que contamos na Figura 3.

Explicação oferecida ao Professor no Teacher's Book	Comentário
<p><i>Present Perfect</i> <i>Focus on Ss' attention on the conversation on page 64:</i></p> <p><b>What has Todd done in New Orleans?</b></p> <p><b>He has been to a jazz club.</b></p> <p><b>done a riverboat tour.</b></p> <p><b>ridden in a streetcar.</b></p> <p>Ask: <b>when did he do these things?</b> (Answer: <b>sometime in the past few days</b>)</p> <p>Say: <b>We use PP with past actions when the exact time is not important. Todd has been to a jazz club sometime in the past few days. We don't know the exact time and that is not important.</b></p> <p>Say: <b>Imagine that Todd has been to three jazz clubs this week. Todd has been to a jazz club three times this week.</b></p>	<p>O não conhecimento do valor do PP pode gerar interpretações incorretas por um falante do português baseando-se somente na perífrase.</p> <p>O que o Todd tem feito? Tem estado em um jazz club. Tem feito passeio de barco. Tem andado de bondinho.</p> <p>Para se referir ao passado recente. Não acrescenta que, para haver consequência presente, não é necessário que o evento seja recente.</p> <p>Faltou acrescentar que não é importante porque o falante usa o PP para enfatizar o resultado de ter ido ao clube, a experiência adquirida neste contexto.</p> <p>Em inglês, o PP dá ênfase ao resultado presente, não importando se houve um ou mais eventos passados que culminaram na consequência presente.</p>

Figura 3 - Análise da Unidade 10 do Interchange 1 (RICHARDS, 2005, p.64)



Fonseca (2005) mostra como três manuais de ensino do inglês atualmente no mercado induzem o aluno a entender que o tempo composto do inglês equivale à perífrase do português brasileiro *ter + participípio*. A perífrase do inglês, como mostra Fonseca (2001), pode assumir diversos valores, sendo o semelhante ao português somente possível quando o PP aparece juntamente com locuções adverbiais, como mostrado anteriormente.

Na unidade 16 do livro 1, com o título *A change for the better* RICHARDS, 2005, p. 106), o autor volta a tratar do PP, desta vez descrevendo mudanças na vida das pessoas apresentando o diálogo da Figura 4.

Diálogo da Unidade 16	Comentários
<p>Diane: Hi, Kerry. <b>I haven't seen you in ages. How have you been?</b></p> <p>Kerry: Pretty good, thanks.</p> <p>Diane: Are you still in school?</p> <p>Kerry: No, not anymore. I graduated last year. And I got a job at Midstate Bank.</p> <p>Diane: That's great news. You know, you look different. <b>Have you changed your hair?</b></p> <p>Kerry: Yeah, it's shorter. And I wear contacts now. Oh, and <b>I've lost weight.</b></p> <p>Diane: Well, you look fantastic!</p> <p>Kerry: Thanks, so do you. And there's one more thing. Look! I got engaged.</p> <p>Diane: Congratulations!</p> <p>Kerry: So tell me, Diane, <b>what have you been up to?</b></p> <p>Diane: Well, let's see. <b>I've changed jobs.</b></p> <p>Kerry: Really? You don't work at the hospital anymore?</p> <p>Diane: No, I left last year. I'm still a nurse, but I work in a private clinic. My job is less stressful now.</p> <p>Kerry: Do you still live downtown?</p> <p>Diane: Oh, no. <b>I moved to a new place.</b> I'm in the suburbs now. I live in Parkview, just outside the city.</p> <p>Kerry: Parkview? That's where I live! That means we are neighbors!</p>	<p>Se não for mostrado o valor do PP, o diálogo permite a leitura <i>não tenho visto você e como tem passado</i>.</p> <p>O livro não oferece explicação sobre esta sentença que trataria de uma consequência presente de um evento passado.</p> <p>Mudança de estado.</p> <p>Contudo, é preciso saber que existe esse valor semântico expresso pelo PP.</p> <p>Mudei de emprego. Inere-se que esta mudança de emprego deve ter um resultado presente para Diane, por isso o PP ao invés de SP.</p> <p>Esta sentença está no SP: <i>Eu mudei para um novo lugar</i>. Inere-se que Diane vê o evento como acabado, sem consequência presente.</p>

Figura 4: Análise da Unidade 16 do Interchange 1 (RICHARDS, 2005, p. 106)

Como se pode ver, os manuais e gramáticas apresentam explicações simplificadas, com generalizações, que podem induzir ao erro, se professor e aluno não tiverem um conhecimento mais aprofundado sobre o valor do PP em oposição ao SP e os possíveis efeitos de sentido que o PP pode assumir.

Acreditamos que, pelas idiossincrasias do PP, é necessário conhecer melhor o que diferencia o PP do SP para poder compreender e produzi-lo corretamente. A fim de melhor distinguir esses dois tempos, defendemos que o aprendiz deve aprender a localizar a questão resultativa marcada no tempo composto, pois julgamos que os demais valores semânticos e os efeitos de sentido são desdobramentos desse estado resultativo.

### 2.10. As oposições *Present Perfect vs Simple Past* revisitadas

Como vimos nas descrições acima, a diferença básica entre os tempos aqui estudados é semântico-pragmática, e a sua escolha é feita a partir do foco escolhido pelo narrador. Essa eleição se deve, então, à ênfase maior que o narrador quer dar ou ao estado-resultante do evento acabado em um determinado momento anterior à enunciação ou ao próprio evento passado. Essa ênfase é compatível com o discurso do falante, mais do que com os próprios marcadores muitas vezes, como vimos. Na escolha de ponto de vista, concorrem vários fatores pragmáticos, tais como quem fala, o que se fala, e para quem se fala. Acreditamos que textos autênticos sejam mais apropriados para exibirem os fatores semântico-pragmáticos que dão suporte à escolha pelo PP. Apresentamos abaixo análise de texto extraído de um blog, onde avaliamos como as escolhas do tempo são ancoradas pelo contexto informado pelo narrador.

#### (37) Attack of the zombie lady

*I am fatigue girl. For the past two weeks, Ben has woken up at 3 most nights and stayed awake until 5. He's not unhappy ... but I stay awake and usually fall back to sleep sometime just before I have to get up. I've become one of those walking zombie people, the kind that I curse when I'm trying to get somewhere and they're sitting in their cars at green lights not moving ... If you see me on Tuesday with my head on my drool-covered desk, cover me with a blanket and let me sleep for a week, preferably with pay.*<sup>22</sup>

Observemos que, no texto acima, a autora narra o motivo de ela estar sem dormir nas últimas noites. Ela se autodenomina um zumbi e explica que seu filho acordou<sup>23</sup> às 3 da manhã e ficou acordado até as 5 durante as duas últimas semanas. O “acordar” e o “ficar acordado” descrevem um evento iterativo e perfectivo, ou seja, repetiu-se no passado, mas não ocorre mais. A maioria do texto está no presente, e ela narra o motivo do seu cansaço usando o PP ao invés de usar o PS. Essa escolha é coerente, pois está falando do que está sentindo no momento que escreve no blog. A auto-intitulação de *Zombie Lady* (Garota Zumbi) e afirmar que é uma garota cansada, *fatigue girl*, fornece o ponto de vista escolhido. A narrativa das atividades do filho não é para contar sobre o filho, mas para justificar a consequência presente: o cansaço/o sono. Por isso emprega o PP. O uso do PP em *I've become one of those walking zombie*

<sup>22</sup> Disponível em <http://www.babysleepsite.com/testimonials/> em outubro de 2006.

<sup>23</sup> Devido à iteratividade, o português admitiria o uso do pretérito perfeito composto, tem acordado, para dar ênfase a quantificação da ação no passado (Castilho, 2002). Além disso, a ação ainda está transcorrendo, vindo marcada pelo sintagma adverbial *for the past two weeks*.

*people*<sup>24</sup>, sustenta o *fatigue girl* e o título. Se perguntássemos por que ela elegeu o PP e não o PS, poderíamos perceber que o PP é coerente com o foco que ela escolheu para dar ao texto – diferente do diálogo acima. Provavelmente, a autora não tem consciência da sua escolha, mas ela é coerente com o resto do texto e cria os efeitos de sentido por ela pretendidos.

O personagem de Julia Roberts no filme “A Noiva em Fuga”<sup>25</sup>, chega no confessionário e diz:

(37) *Father, I have sinned.*  
(Padre, eu pequei.)

Embora “eu pequei” seja o que um falante do português falaria, o sentido desse pretérito perfeito é “Padre, sou pecadora”. E, assim, justifica o fato de estar dentro de um confessionário. Nesse caso, o resultado dos pecados passados é o estado presente: ser pecador.

O que se depreende dessa análise é que, embora exista um peso forte da pragmática que interage com a semântica, justificando as escolhas, a construção de sentido nesses tempos nasce da relação da estrutura sintática com o valor semântico gerado pelas próprias possibilidades que os tempos aqui oferecem.

O PP tem um componente de tempo linguístico (a situação antecede o momento da enunciação), e um componente de aspecto (a referência coincide com o momento da enunciação), formando uma constituição temporal que relaciona o evento passado com o estado presente. O tempo trata de um evento acabado cujo estado resultante presente é o que importa.

A dificuldade do aprendiz novato de língua estrangeira é perceber que, embora as formas se assemelhem, os pares forma-significado têm áreas de significado comuns, mas há diferenças de valor e uso.

## REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes. 1989.
- BIBER, Douglas, JOHANSSON, Stig, LEECH, Geoffrey, CONRAD, Susan, FINEGAN, Edward . *Grammar of Spoken and Written English*. Essex, England: Longman. 1999.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. New York : Cambridge University Press. 1976.
- COMRIE, Bernard. *Tense*. New York : Cambridge University Press. 1985.
- DOWTY, David, WALL, Robert, PETERS, Stanley. *Word Meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics*. London: D. Reidel Publishing Company. 1979.
- FONSECA, Maria Cristina Micelli *Um Estudo das formas Verbais de Pretérito nas Interlínguas de Brasileiros Aprendizes do Inglês e do Espanhol: Past Simple/Present Perfect e Pretérito Indefinido/ Pretérito Perfecto*. 2001. 200f. Dissertação de Mestrado em Linguística. DL/FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

<sup>24</sup> Tornei-me uma dessas pessoas que andam como zumbis.

<sup>25</sup> Touchstone Pictures, 1999.

- \_\_\_\_\_, Maria Cristina Micelli. Por quê é tão difícil Ensinar o Present Perfect na Escola. In. BRUNO, Fátima. (org.) *Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática*. São Carlos, SP: Ed. Claraluz. 2005, p.103-114.
- MICHAELIS, Laura. *Aspectual Grammar and Past Time Reference*, Routledge Publishing Company, London, 1998.
- MURPHY, Raymond. *Essential Grammar in Use*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.
- QUIRK, Randolph, GREENBAUM, Sidney, LEECH, Geoffrey, SVARTVIK, Jan. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.1985.
- RICHARDS, Jack. *Interchange 1*. 3a. edição. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- SMITH, Carlota. *The Parameter of Aspect*. 2a. Ed. London: Kluwer Academic Publishers.1997.

*Recebido em 02/05/2012*

*Aceito em 12/06/2012*

*Versão revisada recebida em 24/06/2012*

*Publicado em 30/06/2012*

## **AN ACCOUNT OF THE OPPOSITION BETWEEN *PRESENT PERFECT AND SIMPLE PAST***

**ABSTRACT:** *The objective of this paper is to present an account of the English tenses Present Perfect and Simple Past based on the difficulty found by Brazilian Portuguese speakers, both students and teachers, when learning/teaching English as a second language in formal settings. In order to explain the difference between their semantic values, the tenses are discussed in the light of grammatical theories such as tense, aspect, perfectivity and the perfect value. Besides providing a description of the tenses, some examples taken from English textbooks and grammars are also provided and analyzed. Finally, two authentic examples of the Present Perfect in use are presented and examined.*

**KEYWORDS:** *Present Perfect; Past Simple; tense; grammar teaching.*

